

***O contato lingüístico para Martius (1794-1868),  
Steinen (1855-1929) e Ehrenreich (1855-1914)\****

Aline Cruz e Beatriz Christino  
(CEDOCH-DL/USP; CAPES)

## **1. Introdução**

O interesse dos cientistas de língua alemã pelo Brasil percorre todo o século XIX, chegando a delinear uma tradição de pesquisa, baseada em coleta de dados de alguns anos no Brasil, seguida de longa reflexão na Europa, do que resultavam, pelo menos dois tipos de obras: os relatos de viagem acessíveis ao público em geral e estudos monográficos para apreciação científica. Neste artigo, focalizaremos três autores germânicos, representativos desse processo: Karl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868), Karl von den Steinen (1855 – 1929) e Paul Ehrenreich (1855 – 1914). Embora possamos reconhecer similaridades em seus trabalhos, não podemos esquecer as diferenças de concepção entre o primeiro autor e os segundos.

Entre 1817 e 1820, Martius e Johann Baptist Spix (1781-1826) percorreram as então colônias portuguesas, Brasil e Grão Pará. Quando retornaram à Europa, escreveram o relato *Reisen in Brasilien* (1823-1831), cujo segundo e terceiro volumes foram elaborados unicamente por Martius devido à morte prematura de seu companheiro. Embora a maioria de seus estudos monográficos focalizasse aspectos botânicos, seu interesse pelas culturas e línguas indígenas proporcionou a publicação de artigos na *Revista do IHGB* (Martius 1844, 1895[1861]) e dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (Martius 1863), que reúne 109 línguas (ou dialetos) indígenas brasileiras, posteriormente incluído nas *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas's zumal Brasiliens* (1867).

---

\* Agradecemos a contribuição de membros do Grupo de Estudos em Historiografia da Lingüística (CEDOCH-DL/USP) por terem debatido esse texto conosco: Luciana Gimenes, Leiko Matsubara, Silvana Gurgel, Mercedes Hackerott, Lívia Felix e, em especial, à nossa orientadora, Cristina Altman. Por último, mas não menos importante, à pesquisadora Iris Bachmann (University of Manchester, UK) pela tradução de textos dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (Martius 1863). As falhas são de absoluta responsabilidade das autoras.

O etnólogo Steinen realizou duas expedições ao Brasil. Na primeira expedição, empreendida em 1884, percorreu durante cinco meses a região amazônica, possibilitando a descoberta das nascentes do rio Xingu. Entre 1887 e 1888, deu-se a segunda expedição marcada pela visita a tribos indígenas do Kulisehu, tributário oriental do Xingu. As reflexões resultantes dessas expedições encontram-se, principalmente, nos relatos de viagem (Steinen 1886 e 1894) e em uma obra sobre a língua dos Bakairi (Steinen 1892).

Ehrenreich realizou três expedições ao Brasil. Entre 1884-1885, esteve entre os Botocudo no rio Doce. Dois anos mais tarde, participou da segunda expedição de Steinen ao Xingu. Em 1888, percorreu o rio Araguaia, onde conheceu os Karajá, e o rio Purus, onde estabeleceu contato com os Paumarí, os Yamamadí e os Ipuriná. Em sua produção, encontram-se estudos sobre mitologia (Ehrenreich 1905), sobre as línguas indígenas brasileiras (Ehrenreich 1894, 1894a, 1895, 1895a, b, 1896, 1897), e textos que divulgam a proposta de Steinen para uma nova classificação das tribos do Brasil (Ehrenreich 1891, 1907).

Neste trabalho, procuraremos contrapor a visão sobre o contato lingüístico de Martius, por um lado, à de Steinen e Ehrenreich, por outro. Nosso objetivo é demonstrar suas divergências acerca da natureza e das conseqüências do contato lingüístico.

## 2. **Martius e as duas faces do contato lingüístico**

Segundo Martius, o contato entre línguas faladas por povos que julgava provenientes de uma cultura inferior resultaria em um linguajar desprovido de ‘fundamento gramatical’ chamado de *Rothwälsch*<sup>1</sup> nos textos em alemão e de ‘geringonza corrompida’ nas versões portuguesas. Esses linguajares eram caracterizados pela mistura de “elementos muito diversos e sem regra alguma” e pela volubilidade, ou seja, por uma tendência exacerbada à mudança, que acabaria por levá-los à extinção.

Die Urberwohner Brasiliens hatten keine Sprache mehr sondern nur Rothwälsch. (não tem lingua; fallão sô em geringonza). (Martius 1867: 331, em português no original).

À comunidade formada pela reunião de povos em contato, cuja língua de comunicação interétnica seria a *Rothwälsch*, Martius chamou de ‘*colluvies gentium*’<sup>2</sup>. A expressão foi associada a características opostas à civilização: crueldade, belicosidade, ausência dos sacramentos religiosos e das leis seculares.

É possível que em Borôro se compreendam geralmente índios inimigos, sem determinação certa de nome, e até talvez, um “**colluvies gentium**” que, sem nacionalidade característica e conservada, em língua, costumes e aparência física, dividida em pequenos bandos e sem morada fixa, vagou roubando e matando. Tais hordas salteadoras talvez tenham tido por fundadores indivíduos de origem Tupi. Mas, tendo-se aliado com eles, outros índios, **transformaram a sua língua em uma giria de ladrões**. [ist es wahrscheinlich, dass unter Bororós überhaupt feindliche Indianer, ohne bestimmte Stammesbezeichnung, ja vielleicht mitunter wohl auch eine **Colluvies gentium** begriffen werde, die ohne scharf ausgeprägte und festgehaltene Nationalität in Sprache, Sitten und körperlicher Erscheinung, bis auf kleine Banden ohne festen Wohnort zertheilt, plündernd und mordend umherschweifen. In Mato Grosso und Goyaz mögen allerdings solchen räberischen Gemeinschaften Individuen vom Tupistamme zu Grunde liegen. Indem sich aber denselben andere Indianer angeschlossen, haben sie **ihre Sprache gleichsam zu einem Diebs-Idiome umgeändert**.] (Martius 1867: 209, tradução em Steinen 1940: 571, ênfases acrescentadas)<sup>3</sup>

Como observado acima, a formação de *colluvies gentium* seria uma conseqüência das migrações dos Tupi, desde os Andes, onde haviam estabelecido contato com os Incas, até a costa do Atlântico. Durante essa travessia, teriam encontrado “tribus mais fracas ou de cultura inferior” — Goitacazes, Botocudos entre outros — a quem teriam se unido. No período colonial, esse tipo de agrupamento abarcaria também as classes menos favorecidas da população, passando a contar com “Mulatos, Cabras, Negros e Brancos” (Martius 1863: XI), igualmente falantes de *Rothwälsch*.

---

<sup>1</sup> Em todas as citações, respeitou-se a grafia do original.

<sup>2</sup> O dicionário Latim-Português de Saraiva, explica o termo *colluvio* como uma mistura de coisas grosseira, imundas. Acrescenta ainda que em Titus Livius, encontra-se a expressão *colluvio gentium* como mistura, confusão de família (Saraiva 2000)

<sup>3</sup> Para facilitar a leitura, convenciamos apresentar inicialmente a tradução para o português dos trechos citados, seguidos pelo original entre colchetes.

Para Martius, o idioma dos Mura<sup>4</sup> exemplificaria esse tipo de linguajar, que devido a uma suposta base de palavras Tupi, acabou sendo classificada como seu dialeto:

A língua dos Muras, que é uma *Rothwälsch*, mistura de muitas línguas, tem como base provavelmente também algumas palavras de Tupi, mas muito transformada [Dem vielleicht aus vielen Sprachen gemischten Rothwälsch der Muras liegen wohl auch manche, allerdings stark abgewandelte, Tupiworde zu Grunde.] (Martius 1863: 6, tradução de Bachmann)

O idioma dos Muras não é o único, pelo contrário, Martius postula uma origem comum, baseada no Tupi, a uma “grandissima parte” das línguas americanas. Entretanto, devido às mudanças lingüísticas, que entre outras razões, provinham das amizades e oposições entre os grupos; e do desejo dos próprios indígenas de “não serem inteligíveis a outros povos” (Martius 1895[1861]: 66), esse parentesco lingüístico dificilmente poderia ser identificado. A escolha do Tupi como base da maioria das línguas da América levou o naturalista a justificar a utilização de sua ‘filha artificial’, ou seja, da ‘língua geral’ como instrumento de catequização dos índios sul-americanos.

Para exprimir conceitos de uma cultura alheia aos autóctones, os missionários precisaram criar novas palavras e expressões. Assim, substituíram palavras Tupi por portuguesas, por meio de adaptações fonológicas e morfológicas, como foi o caso de *narandyba* (laranja) e *papéra* (papel); construíram novas palavras por composição (*Zusammensetzung*) como *moacang-ayba* (constranger) ou por outros processos (*Neubildung von Worten*), como *jemombeuçára* (penitente), formada por derivação de *jemombéu* (confessar-se) a partir do sufixo *-(s)ara*; e, ainda, criaram novas expressões (*Neubildung von Phrasen*) que explicariam conceitos alheios ao tupi, como *mbaé oçu eté Tupána reminhonhangára tenhé* — coisa grande verdadeira Tupã semelhante-criador deixa — traduzido por “prodígio”.

---

<sup>4</sup> “Uma nação numerosa, a dos muras, vive em liberdade, achando-se-lhes as famílias espaçadas ao longo das margens do Amazonas, do Solimões e do Madeira. Essas, como ciganos entre os índios, não têm moradia fixa (índios de corso), e podíamos encontrá-los, como amigos ou inimigos, segundo a ocasião.” (Martius 1823-1831, vol. 3, p. 141).

Martius considerava a ampliação do vocabulário da língua geral a partir desses mecanismos como um ‘enriquecimento’ que teria viabilizado sua expansão por ‘todo’ o território brasileiro (Martius 1863: XV). Ademais, admirava os missionários, pois esses teriam tido um entendimento correto da cultura indígena que possibilitou sua contribuição para o vocabulário:

Com isso, a Ordem considerava para a catequização não só os indígenas da tribo Tupi, mas também teve a intenção de formar uma língua geral, um projeto no qual lhe ajudou tanto **a suavidade e a volubilidade do Tupi**, como o parentesco no organismo interno de todas as línguas americanas. Se a gente for mais a fundo, na ampliação da linguagem artificial, deve-se admirar o entendimento correto da essência do espírito indígena e de sua língua e a habilidade **para o enriquecimento do vocabulário** descritivo e abstrato com meios pobres [Dabei hatte der Orden nicht blos die Indianer vom Stamme der Tupi im Auge; er beabsichtigte vielmehr, eine gemeinsame Sprache für alle Indianer zu schaffen, eine Unternehmung, wobei ihm sowohl **die Weichheit und Bildarkeit der Tupi** als auch die Verwandtschaft im innern Organismus aller süd-amerikanischen Sprachen zu Statten kamen. Bei genaueren Eindringen in das Wesen dieser künstlichen Spracherweiterung muss man die richtige Einsicht in das Wesen des indianischen Geistes und seiner Sprache und das Geschick in der Handhabung ärmlicher Mittel **zur Bereicherung** des sachlichen und abstracten **Wortvorrathes** bewundern.] (Martius 1863: 25, tradução de Bachmann, ênfases acrescentadas).

O aperfeiçoamento trazido pela introdução dessas novas expressões não teria ocorrido de forma abrupta ou traumática, mas, pelo contrário, de forma natural, uma vez que “pelo mesmo motivo, que instiga [o índio] de mudar com grande facilidade o material de expressões acostumadas e de variar o seu idioma, elle aceita de boa vontade o alheio, adaptando-o ao cabedal, que já possui” (Martius 1863: XV).

Observando que Martius exaltava a pretensa contribuição dos missionários para a língua geral e, ao mesmo tempo, condenava a linguagem resultante de agrupamentos interétnicos, constata-se que sua visão do contato lingüístico assumia uma feição bipartida. A ela corresponde uma compreensão divergente das relações sociais. Se, de um lado, o convívio entre missionários e indígenas proporcionaria a penetração dos valores ditos de ‘civilização’, principalmente, o trabalho e o Cristianismo; de outro a barbárie e ócio seriam instaurados pela ‘*colluvies gentium*’, ou seja, uma mistura de índios entre si e com outros tipos humanos marginalizados pela sociedade brasileira.

### 3. Steinen e Ehrenreich: Crítica às ‘ideias antigas’

Steinen e Ehrenreich são considerados renovadores da classificação lingüística e etnográfica dos povos da América do Sul. Para operar uma redistribuição dos povos do continente em grupos lingüísticos, levaram em consideração dados que colheram *in loco* provenientes do contato com tribos antes desconhecidas pelo homem branco e informações fornecidas por estudiosos anteriores.

No conjunto dos autores citados por Steinen e Ehrenreich, Martius desempenhou papel de destaque. De acordo com Steinen (1942: 266), ele seria o “patrício, que ocupa o primeiro plano entre todos os exploradores das coisas brasileiras” [“des Landsmannes, der unter allen Brasilien-Forschen den ersten Rang einnimt”, Steinen (1886: 224)]. Ehrenreich (1892: 8) reconhecia-o como “o alicerce firme para a construção de uma ethnographia do Brasil” [“in seinem Werk sah man den festen Grund zum Aufbau einer Ethnographie Brasiliens gelegt”, Ehrenreich 1891: 83] e acreditava que suas idéias tinham, até então, funcionado como norte para todos que o sucederam. Apesar da admiração e respeito que devotavam a Martius, Steinen e Ehrenreich não deixaram de criticar duramente suas concepções e métodos quando os julgavam errôneos ou ultrapassados. As censuras endereçadas ao trabalho do naturalista incluíam divergências no que concerne à compreensão do contato lingüístico.

Para Steinen e Ehrenreich, o contato não acarretaria a destruição das línguas, mas tão-somente a sua transformação (Steinen 1940: 513). Empenhado em desterrar da Etnografia sul-americana as ‘idéias antigas’, Ehrenreich (1907: 285) relegou ao domínio do improvável as noções de *colluvies gentium* e da anarquia lingüística correspondente, afastando-se explicitamente do pensamento de Martius.

Para Martius tem ainda valor o conceito de uma *colluvies gentium*, isto é, bandos agregados de Índios de tribos diferentes e linguas diversas, usando entre si uma especie de gíria. Formações destas em parte alguma se têm

apurado com segurança, e caso tenham ocorrido, devem ter sido *phenomenos* inteiramente *ephemeros*, provocados pela influencia de aventureiros brancos. (ênfase acrescentada)

O modo como Ehrenreich (e também Steinen) compreendia as línguas indígenas da América ajuda a explicar porque as noções de *colluvies gentium* e *Rothwälsch* lhe soavam inconcebíveis. Enquanto Martius caracterizara por meio da ‘volubilidade’ as línguas dos povos sul-americanos, Ehrenreich (1892: 18) assegurava que “[a] fixidez tenaz da lingua da familia é um dos principais caracteres dos Americanos” [“Das zähe Festhalten an der Stammessprache ist ein Hauptcharakterzug des Amerikaners”, Ehrenreich 1891: 86]. Sendo assim, ele recusava-se a aceitar o retrato da América do Sul como uma “confusão *babylonica* de linguas” (Ehrenreich 1892: 12) [“*babylonischer Sprachverwirrung*”, Ehrenreich 1891: 84], refutando que tivessem ocorrido numerosas trocas de línguas e constantes alterações lingüísticas, como postulara Martius.

Na concepção de Ehrenreich (1892: 17), apenas quando uma ‘potencia civilisada superior’ [“*überlegene Kulturmacht*”, Ehrenreich 1891: 86] impunha sua língua e sua cultura a povos ‘inferiores’ ocorreria o abandono da língua materna. Dentre os povos da América do Sul, ele via os Incas como os únicos detentores de tal grau de civilização. Com relação às freqüentes mudanças lingüísticas a que Martius fez referência, Ehrenreich rechaçou a idéia antes corrente de que as línguas de tradição ágrafa se modificariam com maior velocidade (Ehrenreich 1907: 281).

Steinen e Ehenreich, ao contrário de Martius, não julgavam que o contato entre povos indígenas fosse capaz de instaurar linguajares sem regras. A explicação que empreenderam para a existência de um falar característico das mulheres, diverso do falar empregado pelos homens, em tribos das ilhas caribenhas de Martinica, Guadalupe e Dominica constitui evidência disso. Em sua visão, guerreiros Caribe teriam conquistado territórios Nu-aruak e tomado como companheiras mulheres daquele grupo. Em um primeiro momento, as esposas raptadas teriam conservado sua língua materna, ao passo que os homens teriam

continuado a valer-se da língua Caribe. Steinen (1942: 346) defendeu que as gerações seguintes alteraram esse panorama, chegando a uma fusão em que se mantiveram as palavras Caribe relacionadas às atividades culturais masculinas e, ao mesmo tempo, passaram a integrar a língua os termos que “a criança ouvia da mãe na vida cotidiana” (Steinen 1942: 347) <sup>5</sup>. Fica claro, portanto, que o contato entre Caribe e Nu-Aruak, tal como percebido por Steinen e Ehrenreich, não tinha acarretado o surgimento de uma mescla lingüística desordenada.

De forma geral, o contato entre povos não traria modificações tão profundas quanto o ‘completo dualismo linguístico’ (Ehrenreich 1907: 293) das ilhas caribenhas. Steinen e Ehrenreich defendiam que um dos principais efeitos da convivência de línguas diversas seria representado por mudanças no vocabulário, restritas às chamadas ‘palavras de valor secundário’ (Steinen 1942: 343) [‘Wörter secundären Werthes’, Steinen 1886: 293]. Na categoria de ‘palavras de valor primário’ [‘Wörter primären Werthes’], incluíam-se as denominações para as partes do corpo, elementos da natureza (como água, madeira, fogo), corpos celestes (lua, sol), relações de parentesco e tipos humanos (caso de homem, mulher, menino, anciã, cacique) (cf. Steinen 1886: 293). A semelhança na forma dessas palavras (mormente se associada a identidades de cunho gramatical) indicaria o parentesco lingüístico, ao passo que a coincidência de itens de ‘valor secundário’ apontava para línguas ‘afins’, ou seja, que tinham travado contato.

Evidentemente, o processo de adoção de termos estrangeiros de caráter ‘secundário’ já teria se manifestado entre os indígenas da América do Sul antes da chegada dos conquistadores europeus. Prova disso repousaria na presença dos heróis culturais *Keri* e *Kame*, e de sua denominação, na mitologia Bakairi e de outras tribos Caribe, presumivelmente por influência dos povos Nu-Aruak. Steinen (1892: 57) julgava que “surgem ambas as palavras [*Keri* e *Kame*] com grande

---

<sup>5</sup> Steinen (1886: 296): “die Muttersprache der Jüngern musste eine Mischung werden. Die Culturwörter, die Wörter, welche die Beschäftigung und die vorwiegende Gedankenrichtung der Männer betrafen, blieben karibisch, die Wörter aber, welche das Kind täglich von der Mütter hörte, bürgerten sich in der Sprache des heranwachsenden Geschlechts ein.“



regularidade na maioria das tribos Nu-Aruak como lua e sol” [“gehen diese beiden Wörter [Keri e Kame] mit grosser Regelmässigkeit bei den meisten Nu-Aruakstämmen als Mond und Sonne”, tradução de Beatriz Christino]

O estudo de Steinen sobre a língua Bakairi atestou que o contato mais recente com os brancos igualmente correspondia a uma fonte de empréstimos lexicais. Distribuídas em meio ao vocabulário recolhido, catorze palavras foram expressamente filiadas à língua portuguesa pelo autor: *dinyéro* (Steinen 1892: 25); *rapadúra* (p. 27); *boi* (p. 39); *kawálo* (p. 40); *kašoro* (p. 40); *banána* (p. 50); *wáka* (adaptação fonética de *vaca*, p. 36); *waráta* (adaptação fonética de *barata*, p. 36); *suão* (modificação de *sabão*, p. 26); *póhe* (adaptação de ‘*fouce*’, p. 24); *kʰanawia* (adaptação de *canavial*, p. 51); *kapé* (adaptação de *café*, p. 50) e *koruádo*, *koruáda* (originadas do adjetivo ‘*coroadado*’, empregado em Português para nomear as tribos bororo que faziam uso de tonsura característica).

Em lugar de integrar a língua na condição de empréstimos, os termos provindos de outros idiomas podiam tornar-se componentes de uma ‘lingua franca’ (Ehrenreich 1891: 86) que servisse para a comunicação interétnica. Conseqüência do contato e facilitadora dele, seria composta pelas ‘palavras mais importantes de uma ou outra língua’ (Ehrenreich 1892: 17) [“Die wichtigsten Wörter der einen oder andern Sprache”, Ehrenreich 1891: 86] e contaria, no caso dos indígenas da América, com o auxílio da mímica.

Segundo Ehrenreich, Martius teria coletado palavras da ‘lingua franca’, utilizadas no trato com estrangeiros, como se fossem próprias do falar de seus informantes. Por conseqüência, teria atribuído erroneamente a termos de origem Tupi o *status* de constitutivos de línguas de outros grupos. Essa falha teria contribuído para suas “ideas exageradas da expansão dos povos Tupis” [“übertriebenen Vorstellung von der Verbreitung der Tupivölker”] e para a crença na existência “de tribus que haviam perdido a propria lingua para aceitar um calão composto de todos os idiomas possíveis” (Ehrenreich 1892: 17-18) [“von Stämmen zu sprechen, die ihre eigentliche Sprache verloren, um ein aus allen möglichen

Idiomen zusammengesetztes „**Rotwelsch**“ anzunehmen”, Ehrenreich 1891: 86]. Ganha relevo, assim, a condenação do que Steinen e Ehrenreich tacharam de ‘tupimania’ [‘Tupimanie’] (v. Ehrenreich 1891, 1907: 284; Steinen 1892: 61), tendência de postular uma supremacia dos povos Tupi dentre os indígenas brasileiros. Além disso, nota-se que a censura de Ehrenreich à noção de *Rotwelsch* (na grafia empregada por Martius, *Rothwälsch*) não se resumira à afirmação de seu caráter improvável, anteriormente apontada. Tal concepção resultaria, para Ehrenreich, de uma ignorância do papel e da natureza da língua franca. Guiado pela ‘volubilidade’ que creditara aos idiomas indígenas da América do Sul, Martius teria acabado por enxergar, indevidamente, movimentos de substituição de língua e de formação um de caos lingüístico.

### **Considerações finais**

A nosso ver, Martius, de um lado, e Steinen e Ehrenreich, de outro, classificaram diversamente as línguas do Brasil também porque não encararam de maneira idêntica o fenômeno do contato lingüístico e suas conseqüências. Como Martius vinculava estreitamente o contato entre indígenas e a diversidade lingüística à formação de línguas caóticas (‘geringonza’ ou *Rothwälsch*), tendia a creditar a uma origem comum a identificação de semelhanças vocabulares, ainda que pouco numerosas, entre as línguas. De outro modo, ele não teria cogitado uma procedência Tupi para povos usuários da língua franca, referida por Ehrenreich.

Ao contrário de Martius, cujo juízo de valor acerca dos produtos do contato lingüístico dependia de sua visão das sociedades em convívio, Steinen e Ehrenreich encaravam com naturalidade o contato entre povos e a diversidade lingüística dele resultante. Assumindo que o contato lingüístico costumava deixar empréstimos lexicais como herança, sem atingir o vocabulário essencial e, muito menos, a gramática da língua, eles percebiam uma clara fronteira entre a convivência passada de dois idiomas e o efetivo parentesco. Por conta disso, Steinen e Ehrenreich traçaram um mapa das línguas sul-americanas em que os tupis desempenhavam

papel bem mais modesto do que nos trabalhos de Martius. De forma geral, o reconhecimento da previsibilidade dos produtos do contato lingüístico levou Steinen e Ehrenreich a uma separação mais nítida entre afinidade e parentesco e, em decorrência, a uma noção de parentesco lingüístico mais restrita (e consistente) que a adotada por Martius.

### Referências Bibliográficas

- EHRENREICH, Paul. 1891. "Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsere Kenntnisse." *Petermanns Mitteilungen* 37, pp. 81-89; 114-124.
- . 1892. "Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos". [Tradução de Capistrano de Abreu]. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*. Tomo VIII, pp. 3-55.
- . 1894. "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens: I Die Sprache der Caraya (Goyaz)". *Zeitschrift für Ethnologie* 26, pp. 21-37; 49-60.
- . 1894a. "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens: II. Die Sprache der Kayapo (Goyaz)". *Zeitschrift für Ethnologie* 26, pp. 115-137.
- . 1895. "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens: III. Die Sprache der Akuã oder Chavantes und Cherentes (Goyaz)". *Zeitschrift für Ethnologie* 27, pp. 149-162.
- . 1895a. "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens: IV. Vocabulare der Guajajara und Anambé (Para)". *Zeitschrift für Ethnologie* 27, pp. 163-168.
- . 1895b. "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens: V. Die Sprache der Apiaka (Para)". *Zeitschrift für Ethnologie* 27, pp. 168-176.
- . 1896. "Ein Beitrag zur Charakteristik der botokudischen Sprache". *Festschrift für Adolf Bastian*, Berlin, pp. 607-630.
- . 1897. "Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens. Vokabulare von Purus-Stämmen". *Zeitschrift für Ethnologie* 29, pp. 59-71.
- . 1905. *Die Mythen und Legenden der Südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der alten Welt*. Supplement von *Zeitschrift für Ethnologie* 37. Jahrgang.
- . 1907. "Ethnographia selvagem". [Tradução de Capistrano de Abreu]. *Almanack Brasileiro Garnier para o ano de 1907*. pp. 79-98.

- . 1907a. “A ethnografia da America do Sul ao começar o Seculo XX”. Tradução de Capistrano de Abreu. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, vol. XI, 1906, p. 280-305.
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. 1895 [1861]. “Carta do Dr. Carlos F. de Martius contendo observações sobre Botânica, Vocábulo Tupis e origem das tribus americanas”. *Revista Trimestral do Instituto Histórico*, tomo 58, parte 1, vol. 91, 59-68.
- . 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas's zumal Brasiliens*. Leipzig: F. Fleischer, 2 v.
- . 1863. *Glossaria linguarum Brasiliensium. Glossários de diversas lingoas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Erlangen: Druck von Junge & Sohn.
- . 1844. “Como se deve escrever a História do Brazil”. *Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* IV: 381-403.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. 2000. *Novíssimo Dicionário Latino-Português — Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico, etc.* Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 11<sup>a</sup>. ed.
- SPIX, Johann Baptist von e Karl Friedrich Phillip von Martius. 1938. *Viagem pelo Brasil*. [Trad. promovida pelo IHGB do original *Reisen in Brasilien*, 1823, 1824 e 1831]. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 4 v.
- STEINEN, Karl von den. 1886. *Durch Central-Brasilien Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: F.A. Brockhaus.
- . 1892. *Die Bakairi Sprache*. Leipzig: K. F. Koehler's Antiquarium.
- . 1894. *Unter den Naturvölker Zentral-Brasiliens — Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiter Schingú-Expedition 1887-1888*. Berlin: Dietrich Reimer.
- . 1940. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Prefácio de Herbert Baldus, tradução de Egon Schaden. Separata enumerada da *Revista do Arquivo*, n.º XXXIV a LVIII. São Paulo: Departamento de Cultura.
- . 1942. *O Brasil Central*. [Tradução de Catarina Baratz Cannabrava]. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional.